

MARÇO DE 2020

ENCARTE ESPECIAL

PRIMEIRO ENCONTRO DE MULHERES DO SINASEFE-SP



GESTÃO UNIDADE, RESISTÊNCIA E LUTA
BIÊNIO 2019-2021



O ENCONTRO EM NÚMEROS

45 MULHERES INSCRITAS

REPRESENTANTES DE 15 CAMPI DO IFSP

Araraquara, Capivari, Caraguatatuba, Catanduva, Cubatão, Guarulhos, Hortolândia, Itaquaquecetuba, Jacareí, Jundiaí, São Paulo, São Roque, Sorocaba, Suzano e Tupã.

15 CONVIDADAS

Companheiras do IF-Sul, Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP, movimento estudantil do IFSP, representação da categoria petroleira, liderança indígena Pataxó e Grupo Feminista de instrumentistas e compositoras "Dona da Rua".

5 CRIANÇAS NA CRECHE DO EVENTO

O Coletivo Feminista "Olga Benário" conduziu a proposta pedagógica da creche, com atividades de recreação e cuidados com as crianças.



CARTA-MANIFESTO DO PRIMEIRO ENCONTRO DE MULHERES DO SINASEFE-SP

Organizar a luta das mulheres do IFSP, em unidade com o conjunto da classe trabalhadora, para enfrentar os retrocessos

Vivemos uma conjuntura mundial marcada por uma forte polarização social, política e econômica. No Brasil, o presidente Jair Bolsonaro não esconde suas intenções reacionárias. Terá que enfrentar as mulheres. **Nesta carta-manifesto, apresentamos aspectos centrais levantados durante do Primeiro Encontro de Mulheres do Sinasefe-SP, realizado dias 7 e 8 de março de 2020, em São Paulo.**

O evento contou com a participação de mais de 40 mulheres, de 15 campi do IFSP, além da participação de companheiras do IF-Sul. Contribuíram para os debates e mesas representantes dos mais diversos setores e movimentos sociais, em destaque: Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP, Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP, movimento estudantil do IFSP, além da representação da categoria petroleira e liderança indígena Pataxó. No dia 8 de março, o Encontro foi além dos muros do Instituto Federal. As participantes foram às ruas, na tradicional manifestação do Dia Internacional da Mulher, na Avenida Paulista, protestar por direitos e denunciar os ataques do governo Bolsonaro.

O conteúdo ideologicamente moralista e, sobretudo, machista expresso nas declarações de expoentes do governo Bolsonaro é parte constituinte e necessária de um projeto político que, visando à **aplicação de uma plataforma ultraneoliberal, propõe um verdadeiro retrocesso que inclui o fim de qualquer resquício de direito social e trabalhista, o fim dos serviços públicos e a entrega completa do país ao capital estrangeiro.**

A desresponsabilização do Estado no cuidado com crianças – como a falta de creches e falta de vacinas –, atinge de maneira mais profunda as mulheres, em especial as negras e pobres. O fim do Estado como provedor de direitos sociais, a negação de direitos civis básicos, abandono da saúde pública, racismo estrutural, entre outros elementos fazem parte de um projeto: aumentar os patamares de exploração no Brasil através de níveis diferenciados de opressão. Ou seja, a naturalização ideológica de papéis sexuais e submissão das mulheres, ao mesmo tempo que busca a destruição de laços de solidariedade entre potenciais aliados, reforça os ataques do capital.

O projeto de retrocessos sociais e políticos atinge em cheio as mulheres. Estamos cada vez mais adoecidas fisicamente e psicologicamente, somos nós que sentimos o desmonte do SUS, o sucateamento da educação, a fila do INSS, os impactos da aprovação da contrarreforma da Previdência, o fim dos projetos de habitação popular e cortes de programas assistenciais, como o Bolsa Família. Somos as primeiras atingidas pela crescente precarização dos postos de trabalho e recebemos os menores salários para cumprir a mesma função. Somos as principais afetadas pelos constantes cortes orçamentários nas áreas da Educação e da Saúde.

No que diz respeito às diferenças de gênero e relações de trabalho, as servidoras públicas, na prática, padecem da mesma situação que as trabalhadoras privadas. Continuamos com remuneração inferior em relação aos homens e em cargos menos relevantes, embora tenhamos grau superior de escolarização. A aprovação no concurso público, que deveria conferir mais segurança de estabilidade, fundamental para o planejamento familiar, está por um fio. **Se aprovados os projetos que estão na ordem do dia, que visam acabar com a estabilidade, diminuir salários e acabar com todo tipo de direitos adquiridos – como as progressões – seremos nós, mulheres, as primeiras a sentirmos as consequências.**

Com o fim da estabilidade no serviço público, a tendência é o agravamento de situações de assédio moral e sexual. As dificuldades para denunciar/reportar, o medo da violência institucional – acompanhados dos sentimentos de culpa e vergonha – e constante descredibilização da palavra da vítima serão somados ao medo de perder o emprego. Não são raros os casos de mulheres em cargos de chefia que reproduzem atitudes machistas, agravando ainda mais esse quadro.

O resultado, inevitável, será também maior adoecimento das mulheres. Afinal, aquilo que nós já sabemos e vivemos, pesquisas confirmam: existe uma marca de gênero nas vítimas de assédio e recai mais sobre as mulheres, em especial as mulheres negras. Infelizmente, o Instituto Federal de São Paulo não foge à regra. Inclusive com crescentes denúncias de assédio contra estudantes, ainda mais silenciadas pela fragilidade da posição hierárquica em relação aos professores e funcionários.

Não podemos deixar de citar o **aumento exponencial dos casos de feminicídio no Brasil, estupros, agressões, bem como casos de lgbtfobia e racismo.** Bolsonaro ataca os movimentos sociais porque certamente teme a resposta das ruas, sabe que se, por um lado, há um setor da sociedade que se sente representado em suas ideias conservadoras e violentas; por outro, há todo um país que ainda acredita e defende a democracia, a Constituição e os direitos sociais e políticos de todos os movimentos e pessoas que lutam por justiça social e igualdade.

É por isso, também, que o alto escalão deste governo tanto ataca as mulheres feministas – é porque sabe que é no seio deste movimento que está um dos setores mais férteis e questionadores do sistema. **Nós, mulheres, temos protagonizado vários processos de luta no último período.** Estamos nas greves, piquetes, ocupações. Além disso, estivemos na organização dos atos gigantescos do “Ele Não” denunciando o caráter machista, racista e lgbtfóbico do então candidato Bolsonaro. **Não houve uma luta contra “as forças do esgoto” desde então, que não tenha tido uma forte expressão feminista.**

O ambiente sindical também faz parte dessa conjuntura que precisa ser discutida e transformada. Apesar de ter sido um grande avanço a implementação da paridade na gestão do Sinasefe-SP, a criação da Pasta de Combate às Opressões e a própria realização do Primeiro Encontro de Mulheres, ainda é longo o caminho que temos pela frente.

Em primeiro lugar, porque de nada adianta apoiar a inclusão das mulheres, mas não refletir sobre a postura em relação a elas. Em segundo, porque mais do que fazer parte da massa, as mulheres querem ocupar um papel de protagonismo e visibilidade, além da necessidade de ampliarmos as elaborações e atuações étnico-raciais e LGBT+.

Estamos de pé na defesa dos avanços dos direitos conquistados pela classe trabalhadora que vêm sendo retirados. Vamos lutar contra a violência e o corte de verbas promovidos pelo governo Bolsonaro aos programas sociais, que fragilizam e colocam em risco a vida das pessoas mais pobres. **Caminharemos juntas contra todas as formas de violência, pelo direito à diversidade, à autonomia, à liberdade, pelo direito e soberania de nossos corpos, pelo direito de existir.**

Nós não esquecemos que, há dois anos, foi executada Marielle Franco, parlamentar mulher, negra, favelada, que amava mulheres e era de esquerda. Marielle foi assassinada pelo projeto político que representava em seu próprio corpo e até hoje não temos respostas. **Exigimos justiça para Marielle e punição aos mandantes de seu assassinato.**

**Atentas, mobilizadas e organizadas, mulheres do IFSP faremos ecoar nossa voz:
Por nossas vidas, democracia e direitos: Fascistas e machistas, não passarão!**

PROPOSTAS DE ENCAMINHAMENTOS

Durante os Grupos de Discussão, que trataram dos temas "Mulheres e Conjuntura", "Mulheres no Sindicato", "Mulheres e Relações de Trabalho" e "Assédio Sexual", as participantes levantaram as seguintes propostas, que foram apresentadas numa roda de diálogo no encerramento do Encontro:



- Essa conjuntura ataca uma população apática. Uma tarefa do movimento de mulheres pode ser reinventar o chamado para o movimento e apurar a escuta;
- O sindicato precisa cobrar uma política institucional de gestão de pessoas humanizada para dar conta das relações cotidianas como assédio, saúde da mulher e representatividade em espaços de liderança;
- Creche nos encontros e eventos institucionais e diárias para filhos que acompanham mães;
- Parceria do Sinasefe-SP com o Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP (NUGS) para fazer um levantamento sobre quem são as sindicalizadas e quem são as mulheres do IFSP;
- Cronograma bimestral de formação política em direitos humanos nos câmpus para conscientizar e incentivar a empatia nas relações e o quanto isso afeta mais as mulheres;
- Produção de uma pesquisa para mapear as situações de assédio e publicizá-la. Construir parceria com pesquisadoras, inclusive de outras instituições;
- Criar campanha com produção de vídeos e material impresso com a dramatização dos relatos de assédio. Fonte: Observatório de assédio do Sinasefe (opções de denúncias públicas);
- Respaldo jurídico para as denúncias que são também feitas institucionalmente;
- Contratação de uma advogada especializada em movimentos sociais;
- Mapear profissionais do Direito engajadas com a pauta feminista e disponibilizar pra as servidoras;
- Publicizar o Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP (NUGS) como uma instância para encaminhar denúncias de assédio, de forma que o NUGS possa emitir parecer sobre o tema;
- Sindicato entrar em agendas globais de mobilização;
- Estruturar núcleos de mulheres nos câmpus para discussão sobre feminismo. O sindicato poderia oferecer uma estrutura de organização para estes núcleos;
- Comissão ampliada de combate as opressões para encaminhar estas pauta de forma mais representativa e capilarizada;
- Formação política sindical contra o machismo para os homens. Primeiro ponto de formação: machismo e linguagem corporal;
- Chegar nos câmpus que não se fizeram presentes no Primeiro Encontro de Mulheres: cartaz e encarte especial sobre o nosso evento;
- Sugestão de mesa sobre o tema no próximo Encontro de Mulheres: debate sobre questão étnico racial e mulheres.

MESA DE SAUDAÇÃO

ABERTURA DO EVENTO

A mesa de abertura do Primeiro Encontro de Mulheres do Sinasefe-SP contou com a participação da liderança indígena Tamikuã Pataxó, da petroleira Stephanie Costa (Refinaria Presidente Bernardes - Cubatão), Tais Matheus (Núcleo de Estudos sobre Gênero e Sexualidade do IFSP), Caroline Jango (Núcleo de Estudos Afro-brasileiros e Indígenas do IFSP) e Biana Pollito (estudante do IFSP e do Coletivo Feminista Olga Benário).

Os trabalhos foram conduzidos pela Coordenadora da Pasta de Opressões do Sinasefe-SP, a professora Márcia Teani do Câmpus Jacareí. A canção "El violador eres tu", criada pelo coletivo chileno Lastesis, que se tornou um hino dos protestos na semana do dia 25 de novembro (dia internacional de combate a violência contra a mulher) emocionou as participantes do evento.



MÁRCIA TEANI
COORDENADORA DA PASTA
DE OPRESSÕES DO
SINASEFE-SP



TAMIKUÃ PATAXÓ
LIDERANÇA INDÍGENA



TAIS MATHEUS
NÚCLEO DE ESTUDOS
SOBRE GÊNERO E
SEXUALIDADE DO IFSP



CAROLINE JANGO
NÚCLEO DE ESTUDOS
AFRO-BRASILEIROS E
INDÍGENAS DO IFSP



STEPHANIE COSTA
LIDERANÇA PETROLEIRA



BIANA POLLITO
MOVIMENTO ESTUDANTIL
DO IFSP

MESA DE DEBATES

A mesa de debates do Primeiro Encontro de Mulheres do Sinasefe-SP foi conduzida pelas coordenadoras Dione Cabral e Maria Amélia Paggoto.

As convidadas foram Rosana Sorbille e Martina Gomes.

Conheça as palestrantes:



ROSANA SORBILLE é historiadora e professora do IFSP/Cubatão; doutoranda em Sociologia pela UFSCAR; participa do projeto Observatório de Direitos Humanos e, atualmente, se dedica ao estudo dos movimentos sociais feministas e história das mulheres.

Premiada pela Associação Nacional de Direitos Humanos – Pesquisa e Pós-graduação (ANDHEP), no IV Concurso Nacional de Monografias Direito à Memória e à Verdade.

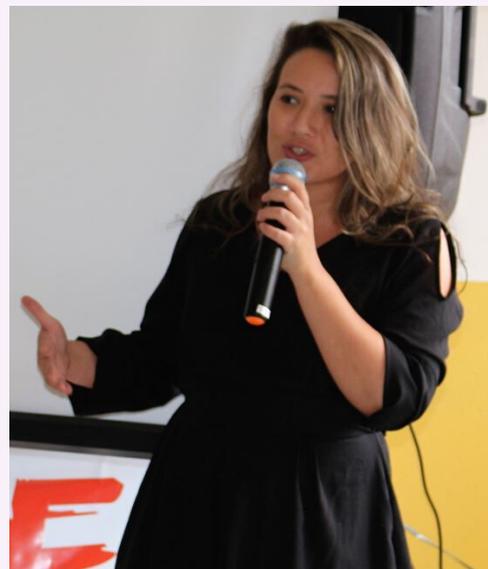
MARTINA GOMES é professora alfabetizadora; Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul pela linha de estudos sobre Educação e Trabalho; integra atualmente o Setorial Nacional de Mulheres do PSOL.

Autora do prefácio do livro "Ligações Perigosas: Casamentos e Divórcios entre Marxismo e Feminismo", da autora Cinzia Arruzza, lançado no Brasil pela Editora Usina, em 2019.



MESA DE DEBATES

A mesa de debates do Primeiro Encontro de Mulheres do Sinasefe-SP foi conduzida pelas coordenadoras Dione Cabral e Maria Amélia Pagoto. As convidadas foram Rosana Sorbille e Martina Gomes. Confira imagens:



O ENCONTRO EM IMAGENS

As mulheres do IFSP participantes do Encontro, vindas de 15 campi do estado de São Paulo, encerraram o evento num grande abraço, em demonstração de unidade e fortalecimento mútuo para enfrentar os desafios colocados na conjuntura.

A confraternização contou com a participação cultural do Grupo Feminista "Dona da Rua", formado por mulheres instrumentistas, cantoras e compositoras. Com um repertório composto por músicas autorais, samba e outros estilos brasileiros, o grupo empodera mulheres pelo mundo através da música. São apresentados sambas de importantes nomes, dentre os quais Dona Ivone Lara, Jovelina Pérola Negra, Alcione, Clara Nunes e Clementina de Jesus.







8 DE MARÇO

DIA INTERNACIONAL DE LUTA DAS MULHERES TRABALHADORAS

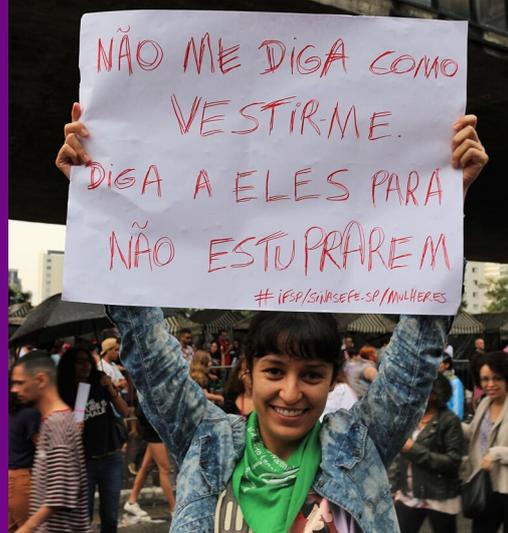
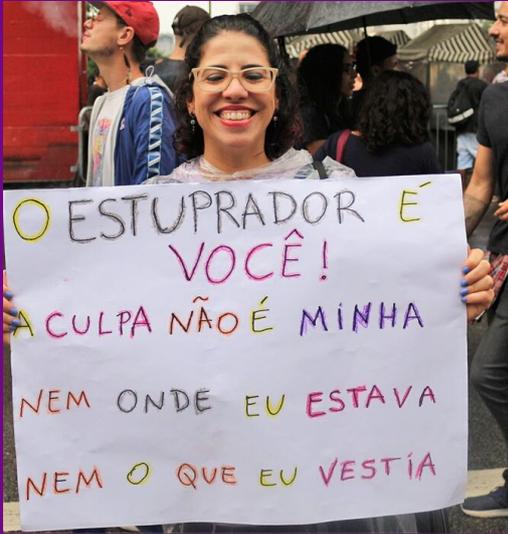
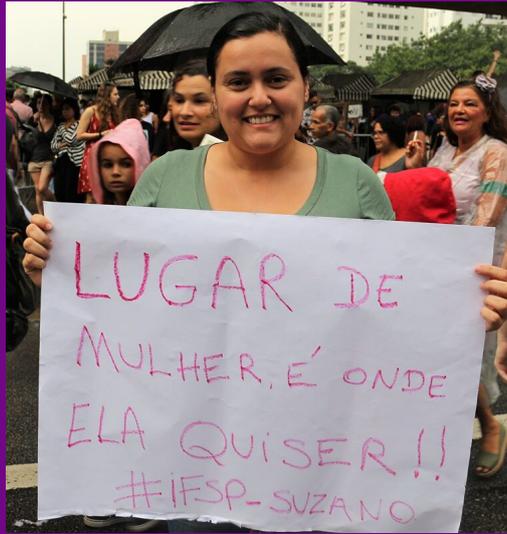
As trabalhadoras do IFSP, presentes no Primeiro Encontro de Mulheres do Sinasefe-SP, ultrapassaram os muros do Instituto Federal e ocuparam a Avenida Paulista, ao lado de milhares de lutadoras!

O 8 de março somou-se a um calendário de dias de mobilização. Dia 14 de março (por Justiça por Marielle) e dia 18 de março serão decisivos para demonstrar a força daqueles que não sucumbem aos desmandos do Governo Bolsonaro.

Juntas, as mulheres demonstram que todas as lutas de resistência que defendem os direitos da classe trabalhadora são também lutas feministas. É hora de articular o fortalecimento das manifestações e a construção de uma Grande Greve Geral dia 18 de março!

Confira a galeria de fotos das mulheres do IFSP na Avenida Paulista!





CRECHE: UM DEBATE FEMINISTA E CLASSISTA



A questão das creches é uma pauta central para as mulheres trabalhadoras. Historicamente, as mulheres são apartadas do espaço da política. A nós foi relegado o espaço doméstico, do privado, das tarefas da reprodução da vida e dos cuidados. Aos homens foi reservado o espaço do público, da política, da produção, das tomadas de decisão e de poder. É uma construção social profunda e milenar que, apesar da nossa luta e de muitas transformações sociais, ainda é bastante presente.

Se quisermos políticas de mulheres, precisamos de mais mulheres na política e plenas garantias e condições para que as mães possam participar ativamente. Não podemos aceitar que a maternidade afaste ou impossibilite que as companheiras participem das atividades políticas e espaços de militância.

Durante o Primeiro Encontro de Mulheres do Sinasefe-SP, a Creche foi conduzida pelo Coletivo Feminista "Olga Benário". As companheiras apresentaram uma proposta pedagógica fundamentada e diferenciada conforme as necessidades de cada faixa etária, amparada em teorias da psicologia histórico-cultural e da pedagogia histórico-crítica, que têm como concepção de mundo o materialismo histórico-dialético, em consonância com o viés marxista do movimento.



HOMENAGEM



**DELACIR
POLONI
PRESENTE
HOJE E
SEMPRE!**

Dia 11 de fevereiro de 2020, perdemos nossa companheira Delacir Poloni, professora do Instituto Federal de São Paulo. Dirigente por duas gestões do Sinasefe-SP, Delacir terá sua trajetória lembrada e respeitada como uma militante incansável em defesa dos direitos da classe trabalhadora e das liberdades democráticas.

No Primeiro Encontro de Mulheres, coube à companheira Tatyana Cavalcante, Coordenadora de Base do Câmpus São Paulo, conduzir uma homenagem à Delacir Poloni.

.Durante o encerramento do evento, na Roda de Diálogo, Tatyana trouxe a reflexão sobre a importância de resgatarmos as histórias das mulheres que fizeram e fazem parte do nossa luta cotidiana.



Jussara Conceição de Lima, trabalhadora do sindicato, também foi lembrada.

A tradição de luta, cultivada por mulheres como Delacir e Jussara, continuará viva. Será a melhor forma de homenageá-las.
